

O MESTRE SAPO¹, A PASSAGEM DO QUARTETO ABERRÊ² POR SÃO LUÍS E A (DES)CONSTRUÇÃO DO “MITO” DA “REAPARIÇÃO” DA CAPOEIRA NO MARANHÃO DOS ANOS 60

Roberto Augusto A. Pereira³

Rede Municipal de Ensino de São Luís (MA)

São Luís, Brasil

slcapoeiraderua@hotmail.com

Recebido em 23 de abril de 2010

Aprovado em 21 de maio de 2010

Resumo

O presente artigo trata a respeito da (des)construção do “mito” criado em torno da “reaparição” da capoeira no Maranhão nos anos 1960, quando após a passagem por São Luís, do “Quarteto Aberrê”, em 1966, liderado pelo Ms baiano Canjiquinha (Washington Bruno da Silva), um de seus integrantes, Anselmo Barnabé Rodrigues, mais conhecido como Ms Sapo, fixa residência na cidade e se torna a principal personagem da capoeira maranhense. Ao longo dos anos 70, os grandes jornais de circulação local reproduzem o discurso expresso pelo MS Sapo de que ele seria o responsável pela “reaparição da capoeira no Maranhão”, vindo a convite do então governador José Sarney para “desenvolver a capoeira no Estado”.

Palavras chave: capoeira do Maranhão; Quarteto Aberrê; discurso do Ms. Sapo.

Abstract

Master Sapo, Quarteto Aberrê performances in São Luís and the “myth” involving the rebirth of capoeira in Maranhão in the 1960s

¹ Quando Anselmo Barnabé Rodrigues aportou na ilha do Maranhão, em junho de 1966, ainda era um jovem capoeira de cerca de dezessete anos, conhecido apenas como Sapo. No presente artigo, faremos sempre referência a ele como Mestre Sapo, como é reconhecido até os dias de hoje.

² O Quarteto Aberrê era um conjunto de capoeiristas baianos que passou por São Luís em junho de 1966 fazendo diversas apresentações. Além do Mestre Canjiquinha, líder do grupo, compunham o Quarteto, Vitor Careca, Sapo e Brasília, este último, hoje Mestre radicado em São Paulo. Aberrê era o Mestre de Canjiquinha, daí o nome do quarteto.

³ Licenciado em História pela Universidade Federal do Maranhão, professor de História da Rede Municipal de Ensino de São Luís e professor da Associação de Capoeira Filhos de Aruanda.

This essay approaches the (de)construction of the “myth” involving the “rebirth” of Maranhão’s capoeira in 1960s, after a few performances in São Luís by “Quarteto Aberrê”, lead by M. Canjiquinha (Washington Bruno da Silva). After that, Anselmo Barnabé Rodrigues, a group member, better known as M. Sapo, moved to São Luís, and became the main personality in Maranhão’s capoeira. Around the 1970’s, the main newspapers of the state perpetuated M. Sapo’s discourse that he had brought capoeira to Maranhão, invited to the governor on that time José Sarney.

Key words: Maranhão’s capoeira; Quarteto Aberrê; M. Sapo’s discourse.

A capoeira do Maranhão, diferentemente da que se desenvolveu no Rio de Janeiro, carece de muitos estudos⁴. O que se tem até os dias de hoje é pouco mais que algumas monografias dos cursos de História, Ciências Sociais, Artes e Educação Física, das Universidades Federal e Estadual do Maranhão, geralmente produzidas por seus próprios praticantes. Tem-se, portanto, um vasto campo a ser explorado pelas ciências, particularmente pela História.

Por conta disso, muito do que se sabe acerca de nossa capoeira é produto de relatos orais⁵, de histórias e fatos narrados, principalmente aos curiosos, por mestres antigos e antigos praticantes que abandonaram a atividade pelo meio de suas vidas e que são hoje os guardiões de um patrimônio que, em alguns casos, está por via de se extinguir, já que tão breve é nossa existência sobre a terra.

Dentre estes inúmeros fatos, um que se pode destacar como marcante da capoeira maranhense na segunda metade do século XX, já citado por diversos autores,

⁴ Ao se referir à capoeira e aos estudos a seu respeito no século XIX, lê-se em Moreira (2006): “Aparentemente foi mais forte no Rio de Janeiro no século XIX que em outras cidades dominadas por africanos e crioulos, como Salvador, Porto Alegre, Recife e São Luís. *Mas a falta de pesquisas nestas outras áreas torna difícil uma resposta conclusiva*” (grifo meu). No mesmo sentido, Assunção (2005) se ressentiu: “In the other states where local traditions of capoeira existed, such as Pará, Maranhão, and Pernambuco, it is still unclear how many of these previous practices were incorporated into contemporary styles” (p. 181).

⁵ A tentativa de reconstruir a História usando como fonte relatos guardados na memória de quem os viveu, traz consigo grandes dificuldades. Afirma Maingueneau (2001): “Com efeito, todo ato de enunciação é fundamentalmente assimétrico: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciador. Compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável” (p. 20).

(MARTINS, 2005; SOUZA, 2002) é a passagem⁶ por São Luís, em junho de 1966, de um quarteto de capoeiristas liderados pelo Mestre Canjiquinha, conhecido como “Quarteto Aberrê”. As versões apresentadas quanto à passagem deste grupo por São Luís são parecidas, mas às vezes um pouco confusas.



Anúncio da exibição do Quarteto Aberrê em São Luís, publicada no Jornal Pequeno (12/06/1966).
Fonte: Pereira (2009).

Em alguns casos o Quarteto Aberrê é apresentado como um grupo, similar a muitos existentes até os nossos dias, que atravessa o país inteiro fazendo exhibições de caráter “circense” nas praças movimentadas das grandes cidades, arrecadando fundos para seu sustento.

De acordo com a matéria Capoeira (1966, *apud* SOUZA, 2002), o Quarteto Aberrê teria vindo a São Luís “[...] cedido pelo departamento de turismo de Salvador [...]”⁷ para algumas apresentações na cidade. Ainda segundo jornais da época, a vinda

⁶ A partir dos anos 50 a capoeira baiana passa por um processo de difusão pelo Brasil, praticantes de forma isolada se mudam de mala e bagagem para o Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades. Surgem diversos “grupos folclóricos” (Brasil Tropical, Viva Bahia, Olodumaré, etc.) que realizam turnês pelo país e pelo mundo e acabam sendo responsáveis, de um lado, pelo aparecimento da capoeira em outros países, com a fixação de algum de seus integrantes, do outro pelo seu crescimento em outros Estados do Brasil, como o Maranhão, onde existia a prática da capoeira, mas ainda não havia tomado prumo. Segundo Assunção (2005) que faz uma rápida abordagem a este respeito em seu livro: “The history of this expansion still remains to be written” (p. 181) A este respeito também Cf. Capoeira (1992).

⁷ Waldeloir Rego, no livro Capoeira Angola (1968) em que tece duras críticas ao “órgão municipal de turismo de Salvador” na época, promotor do que ele chama de “processo de decadência da capoeira, sociológica e etnograficamente” comenta algumas apresentações feitas pelo Mestre Canjiquinha dentro e fora da Bahia. Na passagem, ele cita a ida de Canjiquinha à São Paulo e ao Rio Grande do Sul “mandado oficialmente pelo órgão de turismo municipal”, cita o convite do governador do Rio Grande do Norte para uma apresentação em Natal, e se refere ainda à passagem do Mestre pelo Maranhão, entretanto não

do grupo fora motivada por uma orientação do governador Sarney, que havia visto a capoeira em Salvador e designou o então Chefe da Casa Civil⁸– Doutor Alberto Tavares Vieira da Silva – hoje Juiz Federal e Professor aposentado da Universidade Federal do Maranhão, a formalizar o convite aos capoeiras.

A despeito de toda confusão, percebe-se facilmente que o conjunto folclórico dirigido pelo Mestre Canjiquinha⁹, até mesmo pelas diversas apresentações feitas nacionalmente em palácios de governos de diversos Estados, hotéis, teatros, sede de jornais e rádios, assim como pela extensa participação do Ms Canjiquinha em filmes, não se tratava de um grupo mambembe, de aventureiros.

O Doutor Alberto Tavares, um dos protagonistas deste episódio, explica que a vinda do “Quarteto” ao Maranhão “foi patrocinada por Aldivan¹⁰, um empresário e promotor de eventos esportivos da cidade, que na época o procurou, sabendo que ele era um apreciador de esportes, para solicitar seu apoio.” (PEREIRA, 2009, p. 22) Ainda

declara se houve algum convite do governo do Maranhão ou algum incentivo da prefeitura de Salvador neste caso.

⁸ Em A capoeira, 1976, dez anos após a passagem do referido Quarteto por São Luís, lê-se: “Houve no tempo colonial a prática da capoeira neste Estado pelos Escravos Bantos, mas logo foi sufocada pelas proibições dos Senhores de Engenho. *Só vindo a reaparecer em 1966, no governo do Dr. Sarney através do seu Secretário de Governo, Alberto Tavares Vieira da Silva que trazendo (sic) para São Luís o quarteto baiano; Canjiquinha, Careca, Brasília e Sapó. Sapó ficou aqui, para desenvolver o esporte no Estado*”. (grifo meu) A respeito desta falta de continuidade apontada pela matéria entre a capoeira da época colonial e do século XX, vejamos o que observa Vieira (1998), ao apontar uma característica da capoeira carioca e paulista em que, ao que parece, se enquadra também a capoeira maranhense: “É interessante observarmos que, embora existam registros que identificam a prática da capoeira entre os estratos marginalizados nas principais cidades brasileiras a partir de meados do século passado, apenas na Bahia, conforme demonstram nossas pesquisas, há uma continuidade entre a forma antiga e o jogo atualmente praticado nas academias” (p.97).

⁹ Lê-se no Diários de Notícias de Salvador de 6 de setembro de 1970: “Mestre Canjiquinha tem o maior elenco de conjunto folclórico da Bahia – 36 pessoas no Conjunto Aberrê, que tem seus atabaques pintados de branco e azul, as cores do saudoso Mestre Aberrê...” (ABREU; CASTRO, 2009, p. 41)

¹⁰ Ratificando o exposto pelo Dr. Alberto Tavares, lê-se nas páginas do Jornal O Dia (1966): “Dando prova do reconhecimento artístico que envolve a prática da capoeira empresários de nossa cidade vão realizar com Canjiquinha e seus discípulos demonstrações do interessante esporte, onde naturalmente muitas autoridades e pessoas da sociedade maranhense vão presenciar o valor da dança nagô.” A matéria foi publicada um dia antes da exibição no ginásio Costa Rodrigues, quer dizer, com o intuito de divulgar o evento, e não faz qualquer referência a um convite oficial do Governo do Estado para a vinda do “Quarteto”, mas cita que “empresários” da cidade seriam os promotores das exibições.

segundo o magistrado houve, já em São Luís, um convite para uma apresentação no palácio dos Leões, registrada nos trabalhos citados e em jornais, com a presença, entre outros, sua e do governador.



Quarteto Aberre em São Luís, em 1966. Ao Fundo, Sapo com o pandeiro.
Fonte: arquivo particular de Sra. Graça Rodrigues.

O interesse pela rápida passagem de quatro capoeiristas vindos de Salvador por São Luís pode parecer demasiado grande à primeira vista, mas se bem notarmos, este simples fato pode ter sido um ponto “crucial para o início de um processo de oficialização”¹¹ (SOUZA, 2002, p. 50) da capoeira maranhense, passo dado após se radicar em São Luís o ex-integrante do Quarteto Aberrê, Anselmo Barnabé Rodrigues, Mestre Sapo.

Segundo Martins (2005):

¹¹ Na verdade, o termo “oficialização” talvez não seja o mais apropriado, haja vista que mesmo tendo o Ms Sapo iniciado os trabalhos na “escolinha” em 1971, quando ainda era funcionário da Secretaria de Agricultura, sua contratação como “instrutor de prática esportiva” só vai ocorrer em março de 1976, como funcionário da Secretaria de Educação, e até hoje a relação da capoeira com o Estado se dá através de “projetos” (Viva Educação, Escola Aberta) e não consta no currículo das escolas públicas, por exemplo. Contudo, não se pode negar que este foi um dos fatores para que a capoeira deslanchasse em São Luís. No mesmo sentido, ao se referir ao registro da academia do Ms Bimba em 1937 e ao seu reconhecimento como professor de educação física como marcos no processo de “legalização” da capoeira Assunção (2005) adverte: “This date is often interpreted as the official legalization of capoeira, which was not entirely the case, since street capoeira still continued to be illegal.” (p. 141).

Mestre Sapo veio para São Luís em 1966, com o objetivo de desenvolver a capoeira nesta cidade, a convite de integrantes do Governo Sarney, dentre eles Alberto Tavares Vieira da Silva, que era chefe da Casa Civil, e Tacinho, um professor de boxe, que era motorista e segurança do governador (p. 35).

Todavia, ao que parece, a vinda definitiva do Mestre Sapo para São Luís, não ocorreu direcionada a que ele iniciasse um trabalho de capoeira nesta cidade, pelo menos como fator principal, o que seria algo inusitado ou impensável para a época¹², um governo do Estado, em plena ditadura militar¹³, importando capoeiristas para incentivar sua prática. Ademais, qual a importância tinha a capoeira neste período para justificar esta empreitada por parte do Estado?

Curiosamente, diversos jornais¹⁴ da década de 1970 apontam neste sentido, sendo que alguns marcam até a “data do surgimento” da capoeira no Maranhão e o seu criador/incentivador, o governador Sarney.

Não esqueçamos que a capoeira então não aparecia em novelas, muito menos em filmes de Hollywood, e era ainda bastante discriminada¹⁵. Para se ter idéia do preconceito em torno dela, o Mestre Til (Gentil Alves) afirma que “[...] naquele tempo a

¹² Para se ter idéia do tratamento dispensado à capoeira, o Mestre Artur Emídio, em entrevista ao *Jornal do Brasil*, já em fins dos anos 80, “lamenta que nada se faça pela capoeira. Já participou de mais de 50 simpósios – “tudo conversa” (ABREU; CASTRO, 2009, p. 67). O próprio Ms Sapo, nas palavras do “Velho” Diniz, demonstra a marginalização por que passava a capoeira nos anos 70 ao desencorajar as rodas de rua que aconteciam na cidade: “Ele me disse que gostaria que eu não fizesse estas festas de capoeira na rua, para não criar problema social: ‘- Faz sempre escondido no quintal de casa’. E continuou: ‘- Tu pode fazer, mas não conta comigo’. De maneira que vocês nunca o viram nas rodas que eu fazia” (PEREIRA, 2009, p. 25).

¹³ Este fato não pode ser, contudo, completamente descartado. Ao analisar o Estado Autoritário e a censura, especificamente, Ortiz (1994), afirma: “Durante o período 1964-1980 a censura não se define exclusivamente pelo veto a todo e qualquer produto cultural, ela age como repressão seletiva que impossibilita a emergência de um determinado pensamento ou obra artística” (p. 114). Neste sentido a capoeira praticada nos arredores do palácio, ou sob os olhos do Estado e com sua autorização, em ambiente fechado, teria obviamente um tratamento diferenciado da praticada nas ruas e praças da cidade. Por outro lado, não se pode esquecer também que Mestres de capoeira como Artur Emídio e Bimba ministraram aulas e cursos de capoeira para as Forças Armadas. Cf. Assunção (2005).

¹⁴Cf. A capoeira (1976); Sapo (1979).

¹⁵ Diferentemente de anos atrás, como afirma Assunção (2005): “Today capoeira, especially in its globalized forms, embodies almost to perfection a cool attitude, and that is why the art is used to advertise mobile phones (another icon of coolness) or the BBC and ‘cool Britannia’” (p.211).

gente treinava quase que escondido, porque a polícia não gostava, dizia que tinha só vagabundo” (informação verbal)¹⁶.

Isso é confirmado pelo Mestre Índio *apud* Souza (2002, p. 50): “Quando eu comecei em 1972 até 1984, a capoeira era marginalizada dentro de São Luís, que todo capoeira era vagabundo, marginal, maconheiro, desordeiro”.

Este temor de se expor e este tratamento dispensado pelas autoridades (polícia) demonstram, entre outras coisas, que a capoeira estava longe de qualquer reconhecimento público ou aclamação popular, mais longe ainda de qualquer reconhecimento por parte do poder estatal, nem se cogitava em se tornar Patrimônio Imaterial do Brasil, e, por conseguinte, estava longe de ser uma prática de caráter atrativo ao ponto de o Estado ter algum interesse em oferecê-la à população.

Até mesmo o então Secretário de Estado do governo Sarney nega a suposta intencionalidade declarada do Estado quanto aos motivos da vinda do Ms Sapo. A vinda definitiva do Mestre Sapo para o Maranhão, segundo o Doutor Alberto Tavares, se deu para fins particulares, sendo que ele mesmo viabilizou sua transferência para São Luís, solicitando, inclusive, uma autorização, junto a seus familiares, para que Sapo ficasse na cidade sob seus cuidados, já que era menor: “Eu o trouxe para o Maranhão com o objetivo primeiro de que ele me ensinasse capoeira, já que eu tinha vontade de aprender” (PEREIRA, 2009, p. 22). Afirma ainda que cogitou, “juntamente com o professor Sá Vale”, a vinda de Vitor Careca, já que além de capoeira era boxer, assim como seu motorista do palácio, todavia achou “melhor trazer o garoto (Sapo), porque um homem adulto tem certos hábitos que não se pode tirar” (informação verbal)¹⁷

¹⁶ Entrevista concedida ao autor deste artigo em 24 de outubro de 2008.

¹⁷ Entrevista concedida ao autor do artigo em 14 de novembro de 2009.

A afirmação de que o Mestre Sapo foi trazido com o objetivo declarado de “desenvolver a capoeira no Maranhão” não se sustenta também, ao analisarmos os contratos de trabalho assinados por ele no período de sua chegada. Constam, entre outros, em sua carteira de trabalho, um contrato de janeiro a abril de 1967, imediatamente após sua chegada, na Construção Civil, e com o Estado, um contrato que vai de janeiro de 1969 a março de 1979 com a Secretaria de Agricultura do Estado do Maranhão. Sua contratação pela Secretaria de Educação, como “instrutor de prática esportiva”, como já apontado, só ocorre em 1º de março de 1976, quase dez anos após a passagem do “Quarteto” por São Luís. Quer dizer, os fatos acabam contradizendo alguns discursos.

Talvez, por isto mesmo, o próprio Martins (2005) constatou que “[...] não foram encontradas informações precisas de que Mestre Sapo, aos 17 anos, tivesse realizado trabalhos de grande vulto nesse período de sua chegada a São Luís” (p. 35). Restando a ele, talvez, nas horas vagas, dedicar-se a “[...] ensinar aqui só a rapaziada da elite¹⁸, deputado, juiz, desembargador, empresário”, segundo Mestre Pelé (Clóvis Veiga da Silva) (informação verbal)¹⁹.

Este último depoimento de Mestre Pelé é, ao mesmo tempo, curioso e cheio de sentido, haja vista que era em meio a estas “personalidades” que vivia e circulava o

¹⁸ Parece estranho falar que, no Maranhão, há cerca de 40 anos, a capoeira, uma prática pouco conhecida e muito discriminada, despertou interesse de membros da “elite local”. Soares (1994), ao abordar os “cordões elegantes” no Rio de Janeiro do século XIX, nos mostra que não é de hoje a participação de setores da elite no mundo da capoeira. Segundo ele, “[...] por volta dos últimos anos da Monarquia, a capoeira era uma febre entre os jovens da elite. Seduzidos pela acrobacia característica de seus golpes, e por ter se tornado uma espécie de ‘passaporte’ para quem quisesse conhecer os submundos da marginalidade, a capoeiragem era ansiosamente cultivada pelos filhos das ‘boas famílias’” (p. 175). O autor cita inclusive uma passagem em que o ex-presidente da República Floriano Peixoto, em sua juventude, teria se defrontado com o “lendário Manduca da Praia”, “usando golpes de habilidoso capoeira”.

¹⁹ Entrevista concedida ao Contramestre Nelsinho em 02 de dezembro de 2005.

Mestre Sapo – capoeira baiano, extremamente habilidoso, certamente muito conhecido por ter feito uma apresentação meses antes para o governador.

Mas, somente cinco anos depois de já estabelecido em São Luís, posteriormente ao governo Sarney²⁰ (1966-1971), o Mestre Sapo inicia de fato um trabalho de capoeira com o apoio do Estado, quando de acordo com Martins (2005):

Em 1971, a Secretaria de Educação e Cultura do Estado, através do Departamento de Educação Física, Esportes e recreação – DEFRE/SÉC – coordenado por Cláudio Antônio Vaz dos Santos, criou um projeto que consistia na implantação de várias escolinhas de esportes, no Ginásio Costa Rodrigues. Dentre as atividades esportivas estava a capoeira, e o Mestre Sapo fora convidado para ministrar as aulas (p. 37).

Caso fosse intenção do governo da época iniciar um trabalho de difusão da capoeira no Estado, não teria o Doutor Alberto Tavares ou o próprio Governador José Sarney na primeira semana mesmo após a chegada do Ms Sapo a São Luís, criado um espaço para treinamento de capoeira e contratado o Mestre Sapo para ministrar as aulas? Por que este fato só vai se dar cinco anos mais tarde?

A história, no entanto, aponta em outro sentido. Em um depoimento ao autor deste artigo o Dr. Alberto Tavares esclarece as circunstâncias que levaram o Mestre Sapo a ministrar aulas de capoeira no Ginásio Costa Rodrigues, ao relacionar algumas pessoas da “elite” local com as quais ele (o Ms Sapo) tinha contato: “Sapo treinava judô juntamente com Alemão (Cláudio Antonio Vaz dos Santos), comigo, na academia do Capitão Vicente Leitão da Rocha, com José Reinaldo Vieira da Silva, com Paulo Leite, com os irmãos do Paulo Leite, por isso é que ele chegou ao Costa Rodrigues.”

²⁰ Na verdade, o trabalho do Ms Sapo na “escolinha” só é iniciado após o governo Sarney (encerrado em março de 1971), já no governo de Pedro Neiva de Santana quando o Ginásio Costa Rodrigues é reinaugurado na segunda quinzena de junho, após uma reforma.

(informação verbal)²¹. Quer dizer, tudo indica que as circunstâncias, os contatos, as amizades, além da excepcionalidade de sua capoeira, levam o Ms Sapo e a própria capoeira aos braços do Estado.

Esta hipótese se torna mais clara ao se verificar que circunstâncias semelhantes devem ter levado também o então motorista do Dr. Alberto Tavares, do Palácio dos Leões, boxer, conhecido no meio desportivo como “Tacinho” ou “Tarcino”, a se tornar instrutor de boxe na “escolinha” do Ginásio Costa Rodrigues. O Dr. Naasson Salmon de Souza lembra em um depoimento que não conseguira se inscrever na escolinha de capoeira por não ter mais vagas, o que o levou a treinar boxe com o professor “Tarcino” no Costa Rodrigues (informação verbal).²²

A inserção da capoeira entre as atividades esportivas da “escolinha” do Costa Rodrigues, localizado no centro da cidade, por outro lado, deve ter sido uma das experiências pioneiras de parceria entre o Estado e a capoeira no Brasil, existindo algo semelhante, talvez, só em Salvador ou no Rio de Janeiro.²³ Porém, mesmo na Bahia²⁴, há inúmeras ressalvas quanto ao apoio do Estado, já que mestres de renome internacional, como Pastinha e Bimba, morreram contrariados, sendo que o último teve inclusive que deixar Salvador para tentar uma vida melhor em outro estado.

²¹ Entrevista concedida ao autor deste artigo em 14 de novembro de 2009.

²² Entrevista concedida ao autor do artigo em 18 de outubro de 2009.

²³ O Mestre André Lacé em seu livro *A volta do mundo da capoeira* (1999) afirma: “Jair Moura, por exemplo, surpreende a todos com a afirmação de que as primeiras tentativas no sentido de criar academias regulamentadas surgiram no Rio estimuladas por razões sócio-políticas” (p.377). Já o Ms Acordeon em entrevista a revista *Praticando Capoeira* (Ano II, número 19) afirma ter começado “a ensinar capoeira para crianças em 1959, num projeto da Secretaria de Educação e Cultura da Bahia.” (ABREU; CASTRO, 2009, p. 110).

²⁴ Vieira (1998, p. 148 – 149), ao se referir à situação em que se encontravam velhos mestres da Bahia, afirma: “São raros os casos em que recebem algum apoio das instituições do Estado, e lembram o exemplo de Mestre Pastinha que viveu em extrema pobreza os últimos nos de sua vida”. Cita também depoimento dado por Mestre Bimba ao deixar a Bahia: “Não deixei a minha terra por ser uma terra ruim. Vim por motivos de finanças, porque aqui em Goiânia eu achei mais apoio do que em minha própria terra” (VIEIRA, 1998, 149). A respeito da “trajetória” da capoeira e sua relação com algumas instituições como Escolas e Universidades, cf. Campos (2001).

Ademais, durante toda sua vida em São Luís, o Mestre Sapo, mesmo dando aulas de capoeira em diversos locais e até para pessoas da “elite”, sempre teve de exercer outra atividade profissional que não fosse a capoeira para se manter, a capoeira não era a sua principal fonte de renda.

Como afirmou o ex-aluno do Mestre Sapo, João José Mendes da Silva, conhecido na capoeira como “Mestre Açougueiro”²⁵: “[...] eu não vivia de capoeira, o meu Mestre também não vivia, ele tinha a atividade profissional dele” (informação verbal). Isso é confirmado pela Sra. Graça Rodrigues, viúva do MS Sapo:

Ele não vivia de capoeira, a capoeira para ele era um esporte, ele foi trabalhar na secretaria de agricultura, ele foi a Recife fazer um curso de auxiliar de veterinário, começou a trabalhar como auxiliar de veterinário na secretaria de agricultura, paralelamente ele trabalhava com capoeira (informação verbal)²⁶.

De onde então surgiu esta versão tão popularmente conhecida de que teria havido um convite oficial do Governo para que um dos integrantes do Quarteto Aberrê, o Ms Sapo, que na época não passava de um adolescente, apesar de extremamente habilidoso, ficasse em São Luís, com o objetivo de “desenvolver a capoeira no Estado?”

Esta versão foi amplamente veiculada pelos grandes jornais de circulação local nos anos 70, assim como até os dias de hoje é reproduzida em monografias, livros²⁷, e por ex-alunos, amigos, familiares e outros, além de corresponder ao discurso

²⁵ Entrevista concedida ao autor do artigo em 25 de outubro de 2008.

²⁶ Entrevista concedida ao autor em 29 de outubro de 2008.

²⁷ Assunção (2005, p.181) ao se referir à difusão da capoeira pelo Brasil nos anos 50/70, reafirma esta versão, ao citar a passagem do Quarteto Aberrê por São Luís: “The Governor José Sarney appreciated their performance at the palace so much that he invited Sapo to teach capoeira in Maranhão. Thus M. Sapo (Anselmo Barnabé Rodrigues) moved to São Luís where he taught until his premature death, in 1982.” E ao se referir ao discurso do Ms Sapo afirma: “He always asserted that he had brought capoeira to maranhão.”

apresentado pelo próprio Ms Sapo sempre que se referia à capoeira do Maranhão, quando de uma entrevista.

Tudo nos leva a crer que se tem aqui um discurso²⁸, expresso pelo Ms Sapo, elaborado inteligentemente com o objetivo de referendar a si como o representante oficial da arte junto ao Estado, tanto em relação à entidade estatal em si, quanto em relação ao mundo da capoeira. Ao difundir-lo, o Ms Sapo se coloca acima de qualquer praticante contemporâneo²⁹ seu no Maranhão, pois, nas entrelinhas, ele expressa que diferente dos outros, ele não era um capoeira qualquer, já que havia sido convidado pelo próprio governador e seria o responsável por “trazer a capoeira para o Maranhão”, o que para um praticante era algo de prestígio, honroso.

Além do mais, o discurso assumido por ele nega a existência de uma capoeira anterior à sua (Roberval Serejo, Firmino Diniz e outros)³⁰, admitindo apenas a da época colonial³¹, que ele afirmava ter existido. Com isso, atribui a si próprio um mérito que condiciona os outros capoeiras a prestarem a ele um grande tributo, o que não deixa também de demonstrar, por sua vez, um viés paternalista. Vejamos, por exemplo, o título da matéria publicada no Jornal O Estado do Maranhão de 10 de abril de 1979: “Sapo é o rei³². da capoeira e todos sabem.”

²⁸ Em conformidade com Fernandes (2007), compreendemos que “[...] discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem a fala, mas (que) necessita de elementos lingüísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente lingüística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas” (p.18).

²⁹ “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder. [...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder pelo qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2005, p. 10).

³⁰ A este respeito Cf. Martins (2005); Pereira (2009).

³¹ A respeito dos primórdios da capoeira no Brasil Cf. Soares (2004).

³² De acordo com Fernandes (2007): “Atestamos a importância de se considerar, nas atividades de leitura e nos trabalhos de interpretação, a opacidade da linguagem, a sua não transparência, isto implica revelar que *na relação do sujeito com a língua e com a história, por trás das palavras ditas, o não- dito produz sentidos que não podem ser controlados e que não se encerram em si*” (p. 106, grifo meu).

Todavia, como é de conhecimento público, o Ms Sapo foi precedido, entre outros, por Roberval Serejo um dos pioneiros da capoeira maranhense ainda nos anos 50 do século XX. Serejo, natural de São Luís, ao servir a Marinha no Rio de Janeiro conhece o Ms baiano Artur Emídio com quem aprende capoeira. Ao retornar à cidade continua os treinamentos e posteriormente funda a “Academia Bantu”, primeiro grupo de capoeira do Maranhão, mas poucos anos depois sofre um acidente fatal em trabalho na construção do Porto do Itaqui, em junho de 1971.

Com a criação da “Academia Bantu”, em fins de 1960, que tinha local e horário de treinamento determinados, além de ter uniforme e realizar apresentações, pode-se notar que se percebe por parte dos capoeiras locais, que precedem o Ms Sapo, uma necessidade de dar um sentido mais organizado a uma capoeira que era praticada na rua, entre amigos ou conhecidos, quando se encontravam ou quando marcavam para treinar nos terreiros de suas casas de forma esporádica. Contudo, mesmo com a criação do referido grupo não se nota um crescimento significativo da capoeira, por mais que por ele tenham passado personagens fabulosas que marcaram a história da capoeira no Maranhão.



Grupo Bantu em apresentação no ano de 1970. Na foto – de costas, Roberval Serejo, seguido de Babalu com o pandeiro, Jessé e Patinho com os berimbaus.
Fonte: arquivo particular de Sra. Ana Maria Serejo

Pode-se citar, ainda, como antecessor do Ms Sapo o “Velho” Firmino Diniz, que conheceu a capoeira ainda na primeira metade do século XX no Maranhão, deu prosseguimento ao seu aprendizado no Rio de Janeiro com o Ms Catumbi, e retorna à São Luís, ainda nos anos 50. Anos depois se tornou um dos maiores incentivadores da capoeira ao popularizar a arte em infindáveis rodas que realizava nas ruas e praças de São Luís (PEREIRA, 2009).

Com isto, não se pretende, de forma alguma, negar a grande contribuição dada à capoeira do Maranhão pelo Ms Sapo, pois de fato ele não era um capoeira qualquer, um jogador de rua, desconhecido, ou uma pessoa que via a capoeira como esporte de fim de semana, pelo contrário, sua trajetória demonstra que tratava a capoeira com profissionalismo.

Ao longo dos anos 70, ele ministrou aula de capoeira em diversos locais de São Luís, participou de eventos em diversos Estados, simpósios, torneios nacionais, dos quais se destacou; há mais de 30 anos, quando eram poucos os livros que tratavam de capoeira, ele era um dos poucos que os tinha na cidade, além de ter um arquivo particular com matérias de jornais de vários estados também sobre capoeira, incluindo as que continham algo ao seu respeito.



Ms. Sapo.
Fonte: arquivo particular da Sra. Graça Rodrigues.

Mas quando ele põe os pés no Maranhão em definitivo, diferentemente de outros esportes como o futebol, a capoeira era pouco conhecida³³ e tinha poucos adeptos. Estes, em sua maioria, praticavam em fundos de quintal ou mesmo na rua, além é claro, dos integrantes da “Academia Bantu”, já citada.

Em diversos depoimentos, às vezes curiosos, alguns Mestres afirmaram nunca terem visto falar em capoeira. O Mestre Til ao falar sobre como iniciou na capoeira através de seu irmão Mestre Ribaldo Branco que tinha ido se inscrever na “escolinha” relata:

Ribaldo foi fazer a inscrição para futebol de salão no Costa Rodrigues e viu Sapo fazendo uma demonstração de capoeira. [ao voltar disse a ele] – ‘olha Til eu ia fazer minha inscrição de futebol de campo (sic), mas não vou fazer, eu vi um negócio muito bonito chamado capoeira, Mestre Sapo tava fazendo lá’ (informação verbal).³⁴

Essa pequeníssima inserção da capoeira no Maranhão no início dos anos 70 se tornou um campo vasto para a atuação do Mestre Sapo. Além do mais, o único núcleo de capoeira que poderia rivalizar com o dele, o de Roberval Serejo, foi tragicamente abortado no mesmo ano do início da “escolinha”, como já visto. Um segundo núcleo não chegava a rivalizar, tratava-se de um “velho” amigo, também capoeira, mas que não tinha grupo, sede, nem dava aulas, mas adorava fazer rodas de rua, o que não agradava muito o Ms Sapo. Mas as do “Velho” Diniz ele nunca proibiu, nem acabou.

Assim, o Ms Sapo tinha em mãos tudo de que necessitava para se tornar o que se tornou, a principal referência da capoeira do Maranhão dos anos 70. Era um capoeira, segundo “gregos e baianos”, de uma habilidade fora de série; obteve o apoio

³³ Mesmo a “imprensa especializada” de São Luís, com um acesso a informação maior que a população em geral, tinha pouco conhecimento do que era a capoeira, conforme o que se depreende do seguinte trecho: “[...] na exibição que os “capoeiristas” realizaram para a imprensa especializada de nossa capital, quando deram *uma noção do que é o jogo da capoeira* [...]” (CAPOEIRA, 1966, grifo meu).

³⁴ Cf. nota 14, p. 5.

institucional para desenvolver a capoeira, ainda que somente cinco anos após sua chegada à cidade, coisa que nenhum outro havia sequer pensado até então; não tinha diante de si um núcleo de capoeira organizado à altura para concorrer com ele; e, por fim, devido ao seu vasto leque de amizades - muitas, bem “influentes”-, conseguia, dentre outros privilégios, uma cobertura da imprensa local fora do comum para um capoeira, pois era sempre mencionado em boas notícias e com grandes elogios.



Matéria publicada no Jornal O Estado do Maranhão em 10 de abril de 1979 com a foto ao centro do Ms Sapo, onde é atribuído o surgimento da capoeira no Maranhão à passagem por São Luís do Quarteto Aberrê e à vinda para São Luís do Ms Sapo.
Fonte: SAPO Rei, 2008. Fotografia: Roberto A. Pereira.

Assim, o discurso que vai ser construído posteriormente a sua chegada ao Maranhão, já nos anos 70, e reproduzido *ad infinitum*, só vai coroar a sua posição (ele era “o rei da capoeira”), referendá-lo, torná-lo inquestionável (além de ser “o rei”, “todos sabiam”).

Ao que parece, para o Ms Sapo, ele era a própria capoeira do Maranhão, sua encarnação em forma humana, uma espécie de pai da capoeira maranhense³⁵, ou “rei”, como consta no jornal citado. Daí provavelmente a motivação para sua intransigência tanto em relação às rodas de rua - que não fossem as suas e as do “Velho” Diniz -, quanto em relação à abertura de grupos de capoeira, que não fossem os seus.

Note-se que, durante toda a década de 70, “raros foram os casos de abertura de grupos de capoeira em São Luís”, devido à proibição expressa do Ms Sapo, tendo havido inclusive situações de “empastelamento”, se é que cabe este termo, de academias recém fundadas. Um dos raros casos de abertura supramencionados foi o do Mestre Patinho, na época aluno de Sapo. Isso quer dizer que, se a capoeira do Maranhão pudesse ter um dono, seu nome era Anselmo Barnabé Rodrigues, Mestre Sapo.

Assim, depois de alguns anos já radicado em São Luís, mais experiente, em contato com diversas pessoas com tino para negócios, administração, entre outras áreas, tendo se tornado “o nome” ao se falar em capoeira no Maranhão, e tendo um total controle de sua prática em nossas terras, o Mestre Sapo fecha de forma perfeita o cerco ao redor desta arte, ao apresentar ao grande público, de todas as classes, escolaridades, camadas sociais, capoeiras ou não, através da grande imprensa, quem era “o rei da capoeira” no Maranhão, como chegou ao Estado, a convite de quem se instalou na cidade e com que objetivo.

Em suma, longe de fechar a discussão, pode-se afirmar que o discurso elaborado pelo Mestre Sapo se enquadra perfeitamente na caracterização feita por Assunção

³⁵ Ao se referir aos “surtos” de expansão da capoeira baiana a partir dos anos 60, Capoeira (1992) afirma: “Na seqüência de vários surtos destes – às vezes um separado do seguinte por alguns anos –, finalmente aparecia *alguém, de fora ou do local, que assumia a posição de “mestre” daquela cidade, firmando o ponto, e dando continuidade ao ensino, divulgação e prática.*” (p. 101, grifo meu).

(2005) ao tratar dos “myths, fakes and facts” que percorrem a história da capoeira, e onde afirma que algo (fake), por ser repetido várias vezes, acaba adquirindo valor de verdade. Ademais, como ainda afirma o estudioso: “A myth is one of the several available resources to reinforce the attraction of a particular master narrative, supporting the latter through its apparent logic and naturalness” (p. 9).

Referências

ABREU, Frederico José de; CASTRO, Maurício Barros de (Orgs.). *Encontros – Capoeira*. Fotografia: Eduardo Monteiro/ fotonauta. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. *Capoeira – The History of an Afro-Brazilian Martial Art*. New York: Routledge, 2005.

A CAPOEIRA e sua origem. *O Imparcial*. São Luís, 20 fev. 1976.

CAMPOS, Helio. *Capoeira na universidade: uma trajetória de resistência*. Salvador: STC EDUFBA, 2001.

CAPOEIRA, Nestor. *Os fundamentos da malícia*. Ilustrações: Carybé. Rio de Janeiro: Recorde, 1992.

CAPOEIRA no ginásio. *Jornal Pequeno*. São Luís, 16 jun. 1966.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2ª. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOUCALUT, Michel. *A ordem do discurso*. 12ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

LOPES, André Luiz Lace. *A volta do mundo da capoeira*. Brasil: Coreográfica Editora e Gráfica, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, Nelson Brito. *Uma análise das contribuições de Mestre Sapo para a capoeira em São Luís*. 58 f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, 2005.

MOREIRA, Carlos Eduardo, et. al. *Cidades negras: africanos, crioulos e espaço urbano no Brasil escravista do século XIX*. São Paulo: Alameda, 2006.

NA CAPOEIRA o segredo do ataque está na dança com “Canjiquinha” e sua gente. *Jornal O Dia*. São Luís, 15 jun. 1966.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. 5ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

PEREIRA, Roberto Augusto A. *Roda de Rua: memórias da capoeira do Maranhão da década de 70 do século XX*. São Luís: EDUFMA, 2009.

REGO, Waldeloir. *Capoeira angola: ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapoã, 1968.
SAPO é o rei da capoeira e todos sabem. *O Estado do Maranhão*. São Luís, 10 abr. 1979.

SOUSA, Augusto Cássio Viana de Soares. *A capoeira em São Luís: dinâmica e expansão no século XX dos anos 60 aos dias atuais*. 72 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2002.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negrada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1890*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

_____. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. 2ª.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

VIEIRA, Luiz Renato. *O jogo da capoeira*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 1998.